

Escorpião no bolso



**Por que
permitir que
juros tão altos
entravem
a economia e
agravem o
desemprego?**

Há talvez duas semanas, jornalistas do Rio, certamente de boa-fé, me atribuíram uma frase que nunca pronunciei. Disponho-me hoje, ainda que com alguma íntima retulência, a restabelecer a verdade (histórica?), porque o assunto é daqueles que não deixam de ter influência sobre os destinos da Pátria e o bem-estar dos nossos concidadãos. Refere-se a frase, na verdade um testemunho, ao talento do presidente Fernando Henrique como jogador de pôquer e à sua suposta capacidade de blefar e iludir seus eventuais parceiros.

Fui, na verdade, companheiro de FHC numa roda de carteado que se reunia em horas de lazer, há muitos anos, talvez ainda em meados do outro século, o vigezimo. Naquele tempo, posso garantir, sem desrespeito por quem é hoje a suprema autoridade do País, que ele era considerado um divertido e alegre, mas muito pouco competente jogador de pôquer. Esse testemunho pode ser confirmado por outros participantes da roda, como Roberto Gusmão, Fernando Gasparian e Agenor Barreto Parente. E essa era também a opinião daqueles que já não estão entre nós, como Álvaro Bittencourt e Flávio Rangel.

Fernando Henrique não tinha nada do blefador audaz. Ao contrário, uma das grandes alegrias da roda, nos nossos ruidosos e divertidos embates, era fazê-lo sofrer; apostar forte, mesmo sem jogo, e assistir à sua hesitação e sua angústia na hora de pagar, mesmo o mais descarado ou vagabundo dos blefes. Mas ele gostava de jogar, gostava do desafio e do sofrimento e ria-se muito, ele mesmo, de seu próprio notório pão-durísmo, da sua reconhecida dificuldade (e não só no pôquer)

de mexer-se na hora da conta. Tinha, como se diz, escorpião no bolso, embora o nosso jogo (tanto quanto esse que ele agora joga no avião presidencial) fosse modesto e não oferecesse grandes riscos financeiros. Hoje, é claro, jogando com parceiros do Itamaraty e do Ministério, é possível que ele não encontre ninguém disposto a pagar eventuais blefes presidenciais; mas é também provável que sua elegância natural modere seu apetite institucional de ganhador...

Costuma-se dizer que é numa mesa de jogo que as pessoas melhor revelam seu caráter e, até, as mais íntimas inclinações de sua personalidade. Talvez. Ao longo da vida, especialmente da vida de um político como FHC, outras crises ainda mais reveladoras certamente acontecem; mas em nossa roda de pôquer ele parecia exatamente o que hoje parece: alegre, gozador, astral alto, mesmo na derrota, e "mão fechada". Depois de sete anos de governo, mesmo para o povo que o vê apenas através da gritaria das manchetes e da televisão, sua imagem não deve ser muito diferente, embora a última característica, o inato pão-durísmo, talvez a mais importante de todas, ao menos do ponto de vista administrativo e propriamente político, seja a menos evidente, a menos claramente reconhecida.

E, entretanto, aí está o presidente, nesta hora, digamos, penúltima, quando seu derradeiro ano no poder se inicia. O que foi (e continua sendo) o governo FHC? O governo FHC foi o governo das contas certas; começou derrubando a inflação e devolvendo à moeda sua confiabilidade; lançou-se depois num hercúleo e infinido esforço de saneamento das finanças públicas que mu-

dou o País, embora não pareça capaz de acabar nunca. Ainda hoje, as crises, os tropeços e os apertos se sucedem. Mas não há dúvida que o grande ministro do governo foi Pedro Malan e que a estrutura política básica do presidente e da administração repousa antes de tudo sobre o rigor (e a eventual competência) de sua equipe econômica.

O que falta, pois, ao governo para concluir sua obra nos meses que lhe restam? Contas ainda mais minuciosamente exatas, para que o próximo governante encontre a casa em ordem e cheias as burras do Tesouro? Por que não? Pessoas decentes fazem o melhor que podem, até o fim. Fernando Henrique teve sempre o salutar hábito de brincar e gozar com o seu próprio pão-durísmo, talvez para mostrar que não lhe dava muita importância e era, na verdade, mais forte do que ele. Sem dúvida. Hoje, entretanto, diante de algumas importantes questões que confrontam o governo e o País, não é de mais perguntar se os mais íntimos impulsos da personalidade presidencial, tão evidentes no pôquer dos fins de semana, não estariam alquebrando sua visão política, em geral tão lúcida e brilhante. Por que permitir que juros tão absurdamente al-

tos entravem a economia e acentuem e agravem o desemprego entre o povo? Por que admitir que altos funcionários administrativos (excelentes funcionários, mas limitados por sua visão apenas "técnica") procurem extraír do Congresso um acerto nas contas do Imposto de Renda, à custa do esfolado lombo dos assalariados e da chamada classe média, que ainda hoje vivem no limite do sofrível?

Essas são apenas duas questões, entre muitas. Escreve Miriam Leitão em sua coluna de quinta-feira última: "Todos os golpes deste ano esfriaram fortemente a economia. O País estava crescendo a quase 5% no começo do ano e ontem o Ipea divulgou uma nova revisão de crescimento para apenas 1,7%. As boas notícias e esta má tornam possível, e necessária, a queda das taxas de juros. Mesmo assim, o Banco Central preferiu seguir a cartilha que manda não mexer nos juros quando a inflação sobe..."

Entre as muitas características do presidente Fernando Henrique está a capacidade de ouvir e respeitar a opinião dos seus ministros e auxiliares, muitas vezes contrariando sua própria sensibilidade política e os exemplos e impulsos que lhe chegam de fora do governo. Assim foi no caso dos meses que antecederam a traumática desvalorização do real em janeiro de 99 e em diversos outros episódios menores. O presidente hesita em mudar uma política que já não faz sentido, diante da realidade do País e do momento. Prefere o caminho da paciência e da persistência, e não se pode negar que na grande maioria das vezes esta sua estratégia da mão fechada produziu ótimos resultados para o governo e para o País. Mas há instantes em que alguma audácia, alguma generosidade e largueza de visões, em face de questões que mexem com a vida (e o bolso) de tanta gente trabalhadora e humilde, seriam, a meu ver, bem-vindas.

